



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

A PINTURA DA DONNA NA POESIA NO SÉCULO XVII E SUA CONTRAFAÇÃO EM POEMA DA FÊNIX RENASCIDA

Marcello Moreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

INTRODUÇÃO

A poesia portuguesa e luso-brasileira do século XVII tem no retrato poético um de seus gêneros mais produtivos, sendo aquele da *donna* ao modo petrarquista, que segue preceitos da *ars laudandi*, o mais corrente em cancioneiros autorias e miscelâneos. Os retratos poéticos de membros da realeza, da aristocracia e do alto clero formam o núcleo duro desse gênero, embora possam ser encontrados retratos satíricos e contrafações de todos os subgêneros altos então praticados. O nosso propósito neste trabalho é o de justamente levar a termo a análise de um poema satírico impresso nas duas edições setecentistas da *Fênix Renascida*, em que uma “*donna*” chamada Jacinta é retratada pelo emprego cumulativo de metáforas de doce.

METODOLOGIA

O estudo do retrato poético da *donna*, baseado em preceitos da *ars laudandi*, demanda a recolha de um certo número de exemplares desse gênero, com o intuito de verificar o que torna, por comparação e identificação de constantes, esse gênero lírico distinto de outros, conquanto não nos preocupemos aqui com problemas próprios da serialização na pesquisa histórica; se “número” e “série” não são instrumentos de análise aqui utilizados como no-lo ensina a pesquisa historiográfica, por outro lado o quantitativo torna evidente o prestígio de um costume artístico e sua importância social. Detemo-nos em nosso estudo em manuscritos e poemas, e, ao mesmo tempo, pomos de lado, por julgá-lo improdutivo, os homens e mulheres que compuseram o retrato poético da *donna*; se pode ser produtivo, por um lado, verificar se se pode interpretá-lo a partir de posições estamentais, o que, por um lado, patenteia a força “das determinações coletivas e dos condicionamentos sociais”, por outro, o não relacioná-lo ao autor põe de parte qualquer tentativa de um retorno a uma “filosofia do sujeito” e às tentativas de verificar “a parte



explícita e refletida da ação” (CHARTIER, 1991, p. 175), com todos os problemas epistemológicos que elas carregam consigo. O estudo das determinações coletivas e dos condicionamentos sociais não significa a produção de determinações imediatas que pudessem ser equalizadas a interpretações objetivistas. Pensamos aqui, com Roger Chartier, que o recorte social não é capaz de explicar por si só “a compreensão das diferenciações e das partilhas culturais” (CHARTIER, 1991, p. 176). Escolhemos o retrato poético da *donna* como um objeto privilegiado para adentrar em uma sociedade que já não é mais a nossa, porque seu número nos *corpora* poéticos dos séculos XVI e XVII é volumosíssimo, e, porque, se considerarmos que não pode haver prática “que não seja produzida por representações [...] pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (CHARTIER, 1991 p. 177), o retrato poético, fruto de prática, de *ars*, é representação produzida por representações, e o esforço interpretativo para compreendê-lo parece implicar um outro, correlato, de esclarecer o que está *mise en abyme* nessa relação. O estudo do retrato poético da *donna*, por sua vez, implica aquele outro, que lhe é complementar, de suas contrafações, pela aplicação de preceitos da *ars vituperandi*; são justamente as ideias de especularização e inversão que permitem pensar a atualização nessa poesia do par belo/feio, bom/mau, exemplarmente estudado por João Adolfo Hansen, em *A sátira e o engenho* (HANSEN, 2004). Se os poemas são fruto de uma arte, de uma prática em que se articula o social, não se podem repartir as práticas, os gêneros poéticos por elas regradados, de acordo com uma divisão prévia do social, em que haveria homologias entre divisões sociológicas e poéticas fundadas em prejuízos constituídos previamente por uma recepção atual, mas que desconsidera, em sua atualidade, aquela outra, que é a historicidade de práticas, gêneros poéticos, divisões do social, das partilhas culturais etc. O encontro entre o mundo do poema e aquele do leitor, que é o do filólogo que objetiva reconstituir certa legibilidade doutrinária por meio do que nos ensinam sobre ela gramáticas, poéticas e retóricas, por exemplo, para além da interpretação do *ordo* bibliográfico, material, dos próprios manuscritos e impressos, tem limites; aquele do poema com o filólogo implica escolhas que são análogas, é o que se pensa, àquelas que se davam entre o poema e os letrados, o que circunscreve do ponto de vista sociográfico o âmbito da própria análise. A construção do sentido que aqui nos propomos realizar, portanto, é operação histórica que mimetiza práticas de leitura

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



implicadas em corpos de doutrina sobre gramática, poética e retórica, que produziam horizontes de expectativa frente a poemas de vários gêneros. Essa leitura baseada em corpos de doutrina de vária natureza, mas todos eles atinentes à ordem da linguagem e do discurso, é equilibrada em nosso estudo pela análise detida dos códigos bibliográficos, estrutura material dos manuscritos e impressos em que nos deparamos com os poemas que nos propomos analisar. De qualquer modo, leituras de poemas dos séculos XVI e XVII, nos dias de hoje, baseadas em corpos de doutrina gramaticais, poéticos e retóricos tomam a atualização dos preceitos que os constituem no ato de leitura como “modalidades concretas do ato de ler” (CHARTIER, 1991, p. 178), levadas a efeito por grupos letrados da sociedade monárquica portuguesa, o que significa certo domínio linguístico e certas competências de leitura por parte de leitores de então. Essa abordagem por nós proposta, por outro lado, ao uniformizar a recepção sob uma rubrica, “letrado”, elide uma imensa diferença frente ao escrito, que deveria fazer-se presente mesmo entre os grupos que tiveram acesso pleno ao letramento; seria prudente aqui adotar a ideia de *gradatio* ou de gradiente para falar de uma leitura letrada, cheia de desníveis e de hierarquizações, em que está implicada a ideia central de variação histórica de usos e procedimentos, mas que permite, em todo caso, falar de uma comunidade de leitores (CHARTIER, 1991, p. 181), em que “as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição” (CHARTIER, 1991, p. 183) se tornam possíveis. Nossa interpretação também torna explícito um problema que fora proposto por Paul Ricoeur frente a toda operação histórica: não há como esquecer que aquilo que está em embate é uma linguagem contemporânea e uma situação caduca, o que implica pensar a própria objetividade de seu objeto (DOSSE, 2009, p. 15), sempre incompleta.

RESULTADOS/CONCLUSÃO

O retrato poético da *donna* em metáforas de doces oferta-se ao leitor/ouvinte apresentando-lhe um corpo, mas um corpo para consumo, como um corpo eucarístico; em todo caso, é um corpo para ser comido. Poder-se-ia arguir aqui que aquilo que o retrato poético dá a ver por meio das metáforas de doces substitutivas das partes do corpo retratado seria aquilo que escapa justamente à esfera do discurso, que nenhuma palavra



poderia enunciar. Um dos retratos poéticos compostos com metáforas de doce, publicado em *Fênix Renascida*, principia pelo *caput*, mas por remissão aos olhos da *donna*, denominados “feiticeiros das almas”; a magia dos olhos aplica-se primeiramente ao roubo das vidas dos que os contemplam, ou seja, tomam para si a vida do amante, tópica recorrente em poemas da *ars laudandi*, bastando recordar incontáveis poemas de Sá de Miranda, Luís de Camões, Antônio Bernardes, Antônio Ferreira, além de uma imensa plêiade de poetas do século XVII; a magia com que se toma para si a alma de outrem, no entanto, só se explicita nos versos subsequentes do poema: a boca da amada, chamada metaforicamente cravo – metáfora usual em poemas desse gênero – “cheirosa respira/Bafos de calambuco/Que nasce na China”; como se sabe, o calambuco, planta pertencente ao gênero *Calophyllum*, estava entre as especiarias empregadas na condimentação de doces; se a boca é cravo, é flor, e como flor, nasceu para ser colhida. Declarar ao princípio do poema que da amada “Sua boca é cravo” é recurso que serve para entintar o retrato, aplicando-lhe cor, o que incrementa o efeito de vividez, mas o odor de que se fala, o da boca, não é o do cravo, mas o do calambuco, que torna assim a flor duplamente tentadora, a pedir a mão daquele que a colherá: a flor encanta por uma dupla sinestesia: o recurso à visão e àquele ao olfato: esse tipo de metáfora é sem sombra de dúvida um *prosomaton* (HANSEN, 2006, p. 94), pois como o retrato fala da *donna* como vivente, deixa à fantasia a atribuição de ação e movimento. Em estrofe subsequente do poema, ocorre o vocábulo “feitiço”; essa ocorrência é de suma importância para a interpretação da obra, porque se entende como a “feiticeira das almas opera”; chama-se de “feitiço goloso”, e, portanto, que ocasiona gula, à sua “garganta”, “Porque toda está feita/De assucar, e nata”. Sabe-se com Bluteau que na antiga monarquia portuguesa “gula” não era apenas ao vício de comer e não significava a mera apetência, sentido esse presente de modo claro no poema que ora analisamos; gula era não apenas “comer com sofreguidão”, o que implica sensualidade extremada, mas também comer o que é vedado comer (BLUTEAU, 1713, p. 160); ao discorrer sobre o comer o que se proíbe comer, assevera Bluteau:

(gula) Comer es proibidos, como fizerão nossos primeiros pais, que abrindo a bocca ao pomo vedado, derão no mundo entrada à todos os infortúnios. He a gula rica de appetite, incentivo da sensualidade, ruina



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

da saúde, & morte do espírito. Tirou a gula a Adão e Eva a inocência [...] (BLUTEAU, 1713, p. 160).

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados*, nº 11 (5), 1991, p. 173-191.

HANSEN, João Adolfo. Agudezas seiscentistas. In: Floema. Caderno de Teoria e História Literária. Vitória da Conquista, 2A, 2006, p. 85-109.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO